

XIV. Números vestidos de letras: acerca dos numerários literários para a infância*

*Sara Reis da Silva***

1. Reflexão introdutória

Campo literário fértil e criativo, em visível expansão e muito experimental, tanto no que diz respeito à componente verbal, como no que concerne ao domínio visual e/ou gráfico, a escrita e/ou a edição de potencial recepção infantil integra objectos estéticos tão diversos como os que se situam nos três modos naturais da literatura (a narrativa, a lírica e o drama), bem como em muitos dos seus respectivos géneros e subgéneros (como o conto de autor, ilustrado ou em forma[to] de álbum narrativo, por exemplo), ou como aqueles que apresentam uma configuração híbrida e de difícil tipificação, como sucede, por exemplo, com certos abecedários e numerários literários.

Com efeito, e expandindo o tópico do hibridismo, em concreto na literatura para a infância, observa-se, na contemporaneidade, a confluência de tendências estéticas que vão desde a reinvenção e transposição de géneros literários, passando pela interdiscursividade, até à consciência metaliterária e à autorreflexividade. A sofisticação e a complexidade das estratégias mobilizadas nesta literatura têm vindo a ser notadas pela investigação académica que tem dado conta até, não raras vezes, das dificuldades que certas inovações estéticas suscitam do ponto de vista da assunção ou da fixação de uma terminologia adequada e consensual.

* Por vontade expressa da sua autora, a redacção deste texto não segue o novo acordo ortográfico.
** Centro de Investigação em Estudos da Criança / Instituto de Educação, Universidade do Minho.

É o caso do objecto por nós seleccionado para alvo deste estudo, ou seja, um exemplar específico cuja designação em língua inglesa – “counting book” – é já estável, mas que, em português, continua por fixar, dificuldade talvez decorrente do facto de se tratar de uma produção cujas raízes remontam ao ensino e à escola e, portanto, se configurar como um texto com fins claramente educativos, didácticos ou práticos, mas também devido à associação frequente dos algarismos a um discurso ficcional, artístico ou estético, situado no domínio da literatura. Assim sendo e mesmo assim, avançamos com o termo “numerário”, sugerido por analogia com a designação abecedário (ou livro-alfabeto), adicionando-lhe, ainda, o vocábulo literário (numerário literário), sempre que o discurso verbal seja ficcional ou plurissignificativo.

De facto, conquanto relativamente escassos na edição preferencialmente vocacionada para os leitores mais novos, em especial no caso português, estes são reconhecidos como manifestações interdiscursivas, nas quais se cruzam e mesclam diferentes discursos, sobressaindo, cada vez mais, como textos distintos, marcados por características muito particulares (Salisbury, 2004). Composições verbo-icónicas, frequentemente (mas nem sempre) de tipo literário, os numerários situam-se também no âmbito dos “concept books”, assumindo a acepção/designação de Carlson¹, e distinguem-se, cada vez mais, pela sua originalidade, evidenciando, inclusivamente, marcas gráficas que permitem a sua recepção por leitores com perfis e/ou competências de leitura muito diferenciados. Referimo-nos, por exemplo, aos volumes que se situam no âmbito do livro *pop-up* ou, até, da narrativa visual.

A escassez de investigação académica desenvolvida em torno do objecto estético em questão, muito embora dificulte, em certa medida, a elaboração deste nosso estudo, reclama e desafia, estimulando a problematização quer das origens deste tipo de formulação, quer das suas actuais múltiplas configurações.

Neste sentido, tenha-se, antes de mais, em conta que é assídua a presença dos algarismos ou da numeração em textos literários orais, por exemplo, em formas poético-líricas como as rimas em jogos². Vejamos o exemplo

¹ Isto é, “a book intended for young children (i.e., under 5) that focuses on colors, shapes, sizes, number and counting, and the alphabet” (Carlson, 1996: 2).

² Carpenter e Prichard (2005) referem-se às “counting-out rhymes” como um jogo muito comum na infância e na selecção de participantes em actividades lúdicas (132).

da rima seguinte, aliás, sobejamente conhecida: “Fui à caixa / das bolachas / Tirei uma / Tirei duas / Tirei três / Tirei quatro / Tirei cinco / Tirei seis / Tirei sete / Tirei oito / Tirei nove / Tirei dez!”. Também as lengalengas (formulação tão do apreço infantil) representam uma forma poético-lírica muitas vezes arquitectada a partir de uma sucessão de algarismos ordenados e colocados a rimar com vocábulos de outras categorias gramaticais. Tome-se como exemplo o seguinte texto “Um atum”, compilado por Luísa Ducla Soares, em *Mais Lengalengas* (Soares, 2007): “Um atum, / Dois bois, / Três Inês, / Quatro pato, / Cinco brinco, / Seis anéis, / Sete filete, / Oito biscoito, / Nove chove, / Dez lava os pés, / Onze os sinos de Maфра são de Bonze.” (Soares, 2007: 23). Assim, tendo a literatura de preferencial recepção infanto-juvenil como matriz, em muitos casos, a literatura tradicional oral, não será de desvalorizar a hipótese dos numerários serem sucedâneos ou herdeiros, também eles, desse “continente poético esquecido” versado por Maria José Costa (1996), no seu importante estudo sobre as rimas infantis.

Na poesia portuguesa para a infância, por exemplo, da autoria de autores tão reconhecidos como Eugénio de Andrade (1923-2005), Luísa Ducla Soares (1939-), Maria Alberta Menéres (1930-2019) ou João Pedro Mésseder (1957-), apenas para citar quatro exemplos, encontramos o recurso expressivo a sequências numéricas, a partir das quais o texto se estrutura. Trata-se de quatro exemplos apenas que atestam a recorrência dos algarismos e das sequências numéricas na poesia que tem na criança o seu destinatário explícito. A este propósito, releiam-se, assim, os poemas “1, 2, 3”, patente em *Aquela Nuvem e Outras*, de Eugénio de Andrade³; “Vamos Contar”, que integra a obra *A Gata Tareca e outros poemas levados da breca*, de Luísa Ducla Soares; “1, 2, 3, 4, 5, 6, 7”, incluído em *Conversas com versos*, de Maria Alberta Menéres; e, ainda, *As letras de números vestidas*, de João Pedro Mésseder, volume cujo título inspirou o deste estudo, e que se distingue como um álbum poético construído a partir da associação das vinte e três letras do alfabeto a algarismos. A cada letra o poeta faz corresponder dois nomes próprios e um número. Veja-se, por exemplo, a estrofe correspondente à letra A: “O A é de Ana e Anabela, / meninas vestem o 1 / só porque rima com rum / (que é bebida de piratas / que não se aconselha a nenhum).” (Mésseder, 2010: s.p.).

³ Como lembra Costa, neste poema, Eugénio de Andrade alude ao jogo “Una, duna, tena, catena / Cigalha, migalha, / Catrapis, catrapés, / Conta bem que são dez.” (Costa, 1996: 29).

2. Análise do corpus textual seleccionado

Os “counting books” ou os numerários, em concreto os literários, diferenciam-se dos textos poéticos ou dos álbuns poéticos construídos a partir de números contidos numa colectânea, desde logo e em primeiro lugar, pelo seu carácter autónomo. Por outras palavras, estes consistem numa sequência de algarismos – quase sempre de 1 a 10 – que serve de alicerce a um só volume, estruturado a partir do número e de uma ou várias palavras ou ilustrações a ele associadas. Em segundo lugar, nestes volumes, e, em particular, naqueles por nós seleccionados, observa-se um explícito investimento/cuidado visual ou gráfico. Note-se que artistas tão reconhecidos como Satoshi Kitamura^[4], Quentin Blake^[5], Eric Carle^[6], Kveta Pacovska ou Anthony Browne se dedicaram à composição de originais numerários literários.

A nossa selecção textual constitui um conjunto fixado por critérios como a diversidade verbo-icónica e a qualidade estética, e compreende seis títulos de autoria estrangeira – *The Utterly Pointless Counting Book*, de Harriet Russell (2006), *Cinco*, de Antonio Rubio e Óscar Villán (2005), *Uno, Cinco, Muchos*, de Kveta Pacovska (2010), *Cuenta Animales*, de Petr Horáček (2012), *Um Gorila*, de Anthony Browne (2012) e *João e Mais Oito. Um Livro para Contar*, de Maurice Sendak (2017) – e dois de autoria portuguesa – *1 2 3*, de Luísa Ducla Soares (2001) e *Um, Dois, Três, Conta Lá Outra Vez!*, de Danuta Wojciechowska (2013).

2.1 Numerários literários de autoria estrangeira

Começamos pela análise dos seis volumes de autoria estrangeira que seleccionámos. Deste *corpus* textual, apenas duas obras, a de Anthony Browne e de Maurice Sendak, se encontram editadas em língua portuguesa. Um apontamento prévio para assinalar, ainda, o facto de, neste conjunto, se integrem volumes textual, visual e graficamente muito diversos. Ainda que todos situados no domínio do álbum, a verdade é que, em alguns deles,

⁴ Cf. *When sheep cannot sleep* (Square Fish, 1988).

⁵ Cf. *Ten Frogs/Dix Grenouilles* (Anova Books, 2008).

⁶ Cf. *1, 2, 3 To the zoo* (Puffin books, 1990).

se observa uma opção pelo formato livro-concertina e pelo livro *pop-up*, por exemplo, enquanto noutros a proximidade com o álbum poético é notória.

The Utterly Pointless Counting Book, de Harriet Russell (2006), é um livro-concertina de dimensão reduzida e com uma divulgação e difusão comercial bastante diminuta. Duplamente impresso (ou seja, nas duas partes do papel), o texto verbal, muito contido, introduz informações acerca dos elementos e espaços recriados, jogando, muitas vezes, com as primeiras percepções ou com as expectativas do leitor. O forte sentido lúdico, substancialmente decorrente do contraponto entre as palavras e as ilustrações, materializa-se, por exemplo, na afirmação da incapacidade de o receptor ver verdadeiramente o que cada ilustração esconde, como sucede na composição referente ao número 2 e no registo parentético que aí surge – “2 Apples in the road (but you can only see one of them)” –, bem como ao número 7 – “7 seven snails moving so fast that you can’t see them”. O *nonsense* é, aqui, muito relevante, como se pode constatar, por exemplo, na composição referente ao número 10 – “10 cakes have been eaten”, inscrição acompanhada de um prato vazio.

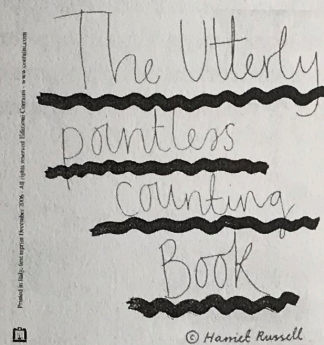


Figura 1– Capa de *The Utterly Pointless Counting Book*.

Antonio Rubio e Óscar Villán assinam *Cinco* (2005), livro cartonado, visivelmente económico tanto do ponto de vista verbal como no que diz respeito à sua composição visual, que se distingue pelo facto de apenas textualizar uma numeração de um a cinco. Cada dupla página apresenta, de um lado (o ímpar), o grafismo do algarismo, este também ilustrado

com olhos e boca (um sorriso), e, do outro lado, um elemento distinto. A acumulação de elementos e de vocábulos nominais, bem como a sua repetição/retoma estrutura o relato, havendo, no desfecho, um detalhe inovador: a introdução da forma verbal “brinco” associada a uma figura humana. Simples e de fácil memorização, este volume integra a colecção “do berce á lúá”, informação paratextual que permite deduzir o perfil do seu destinatário preferencial.

A artista checa Kveta Pacovska é a autora de *Uno, Cinco, Muchos* (2010), um dos mais sofisticados numerários de que damos conta. Trata-se de um volume cuidadosamente publicado, numa edição em papel de alta gramagem, que faz sobressair a força cromática da composição visual da obra. No estilo que lhe é característico, a autora apresenta um álbum motivado pelos algarismos cuja originalidade reside na conjugação expressiva de estratégias diversas. A inclusão de orifícios ou recortes em certas páginas, janelas ou abas para levantar e espreitar e um papel espelhado, por exemplo, associadas a um texto verbal inscrito em lugares distintos das páginas e que apela directamente à atenção do leitor – “cuántos: contemos, a ver...” – e também à sua acção física sobre o livro, bem como a um conjunto de ilustrações composta em técnica mista (desenho, pintura, colagem, etc.) e com uma paleta de cores muito contrastivas, captam a atenção do pequeno leitor que, assim, a partir de uma leitura ostensivamente lúdica, contacta com os números.

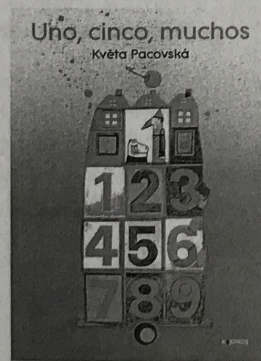


Figura 2 – Capa de *Uno, Cinco, Muchos*.

Do artista também de nacionalidade checa Petr Horáček, *Cuenta Animales* (2012) é construído a partir do recurso à articulação de técnicas gráficas como a dobragem e o *pop-up*, conjugadas com uma composição ilustrativa em tons fortes e contrastivos. A sequencialização numérica assenta, pois, na apresentação, em primeiro lugar, de um animal ou de um conjunto de animais, mencionado a partir de uma referência qualificativa (adjectivo), e, em segundo lugar, reclamando a acção ou o gesto do leitor, de informação visual escondida que consiste na representação visual de cada número, a partir da sua transfiguração no animal já introduzido. Veja-se, a título exemplificativo, a apelativa sequência com que fecha o livro: “Diez peces nadadores”, inscrição à qual se junta um grupo de dez peixes diversos e, ainda, uma badana para levantar que integra um *pop-up* do número em questão, representando um peixe.

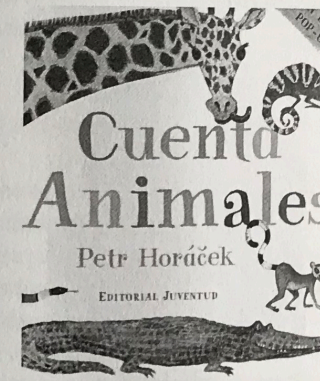


Figura 3 – Capa de *Cuenta Animales*.

O álbum *Um Gorila*, de Anthony Browne (2012), retomando uma das figuras mais assíduas das composições estéticas deste artista britânico, apresenta-se, desde a capa, como um “livro para aprender a contar”. A sua configuração ideotemática supera, porém, a simples textualização e ilustração dos algarismos. Na verdade, a sequencialização numérica de 1 a 10, assente na associação de cada um dos algarismos a uma espécie de

primata – “1 Gorila, 2 Orangotangos, 3 Chimpanzés (...)” –, é concluída com a menção (e a recordação) de que, afinal, a origem do autor (que se auto-retrata) e a de todos os seres humanos é comum: “Todos primatas. Todos uma família. Todos a minha família... E a tua!”. A sofisticada composição ilustrativa do volume, que se demarca pela força e brilho cromáticos, bem como pelos detalhes e pelo cuidado na representação das expressões faciais, por exemplo, possibilitam a leitura desta obra também como um jogo de semelhanças e diferenças, a partir da representação de várias famílias e de uma família comum à qual todos pertencemos. Não deixa de ser interessante que, além do facto de explicitamente se pretender promover uma numeracia precoce, se deixar implícita uma importante mensagem ecológica ou de protecção do ambiente.

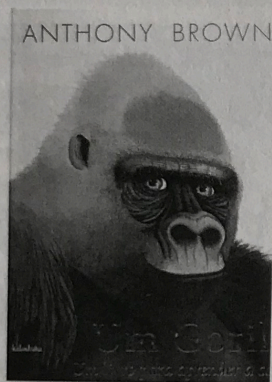


Figura 4 – Capa de *Um Gorila*.

João e Mais Oito. Um Livro Para Contar, de Maurice Sendak (2017) é um numerário, originalmente intitulado *One Was Johnny: a counting book* e editado pela primeira vez em 1962, um ano antes de ter vindo a lume o clássico *Onde Vivem os Monstros*. Possuindo como protagonista a personagem anunciada pelo título da obra, simultaneamente sugerida pela expressiva ilustração da capa, este evidencia uma arquitectura verbo-icónica manifestamente singular. Partindo de um momento de leitura

“em sossego”, solitária, silenciosa e individual, o herói vivencia progressivamente a entrada “em cena” de várias personagens, todas animais e de distintas espécies (um rato, um gato, um cão, uma tartaruga, um macaco, um melro e um tigre), com a excepção de um ladrão, último a surgir e a surpreender o protagonista. A solução encontrada para tal barafunda foi apenas uma: “contar de trás para a frente”. A saída impõe-se, portanto, e, um a um, os diversos “invasores” vão deixando João, de novo, a ler tranquilamente, “tal como ele gostava!”. Deste modo, joga-se com a graduação, primeiramente crescente, de um a dez, e depois, decrescente, de dez a um. A sequencialização numérica, devidamente registada através dos algarismos, coincide com os sucessivos momentos actanciais e com a introdução “em cena” das personagens, como se se tratasse de um pequeno texto dramático. Note-se a fixidez do cenário ou do “pano de fundo”, um plano fixo frontal, no qual se encontra sempre representado João, e ao qual se vão adicionando detalhes visuais, uma estratégia também próxima do registo cinematográfico.

2.1.1 Numerários de autoria estrangeira com hipotexto literário

Neste domínio – dos numerários de autoria estrangeira –, cumpre salientar a edição de alguns títulos que decorrem de uma obra literária considerada clássica da literatura para a infância e que, retomando desta alguns signos ou elementos distintivos e/ou identificativos, a recriam, incluindo algarismos tratados esteticamente. Ao nosso *corpus* textual, juntámos dois títulos que atestam o que vimos de anunciar, a saber: *Números* (2014), que, com autoria de Antonio Rubio, retoma a célebre obra *Frederico*, de Leo Lionni, originalmente publicada em 1963; e *O primeiro livro de contar do Elmer* (2015), de David McKee, no qual se mobiliza a figura do conhecido protagonista – um elefante “patchwork” – e dos seus amigos, figuras patentes nos vários volumes cuja edição se iniciou em 1989 e se encontram publicados em mais de 20 línguas.

O primeiro volume – *Números* – apresenta-se numa edição cartonada e em formato reduzido e estrutura-se a partir da valorização sucessiva e gradativa das personagens principais da já referida narrativa-matriz. Assim, abre-se o relato com uma ilustração que representa um ratinho

e o algarismo um, seguida da afirmação: “Um ratiño só é algo chorón”. A esta junta-se a representação visual de dois ratinhos juntos e do número 2, adicionando-se a afirmação “Se dous están xuntos é moito mellor”. A obra compõe-se, assim, de sequências como as que vimos de referir, a partir, portanto, de estrutura repetitiva, até ao número 10 e com a afirmação: “E para acabar o conto, dez ratiños e uma foto”. Nota-se uma evidente simplicidade lexical e técnico-compositiva, bem como um tom apelativo, procurando-se envolver o destinatário extratextual na contagem numérica: “E se queres contar moito, conta sete... E depois, oito.”

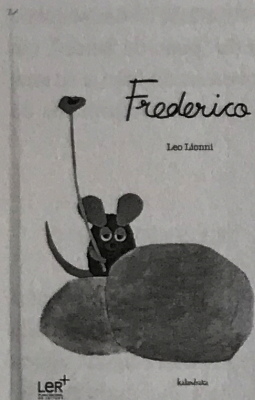


Figura 5 – Capa de *Frederico*

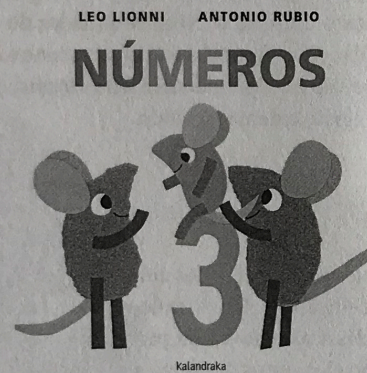


Figura 6 – Capa de *Números*

O Primeiro Livro de Contar do Elmer, igualmente em formato relativamente reduzido e impresso em papel resistente/cartonado, abre com o seu herói, o número um, portanto – “Um elmer a sorrir.” – e avança com uma sucessão de nove sequências que integram a referência a animais distintos todos recriados positivamente, com um sorriso, por exemplo: a dançar, a saltar, a cantar, entre outros. As ilustrações, cromaticamente fortes e bastante expressivas, dominam a publicação. Integrando os animais de espécies diversas, representados no número de exemplares que se quer introduzir, convidam à observação, contagem ou enumeração.

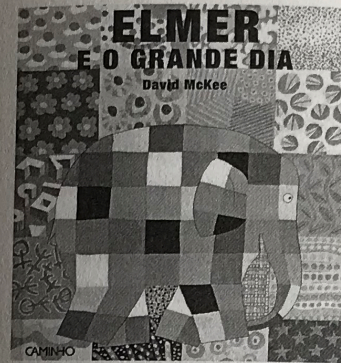


Figura 7 – Capa de *Elmer e o Grande Dia*

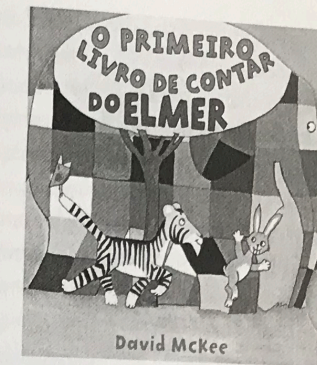


Figura 8 – Capa de *O Primeiro Livro de Contar do Elmer*

2.2 Numerários literários de autoria portuguesa

Contrariamente ao que se constata em outras latitudes, a edição de autoria portuguesa de numerários é visivelmente escassa. Como mencionámos, analisaremos, assim, duas obras apenas: *1, 2, 3*, de Luísa Ducla Soares, e *1, 2, 3, Conta Lá Outra Vez!*, de Danuta Wojciechowska.

Luísa Ducla Soares, em *1, 2, 3* (2001), optando por apresentar consecutivamente os algarismos de zero a doze em quadras rimadas (geralmente, em rima cruzada ou emparelhada), apela explicitamente à aprendizagem, intenção consubstanciada, ao longo da obra, em diversas marcas de proximidade com o leitor / ouvinte, de que são exemplo as muitas interrogações e o discurso quase sempre em primeira pessoa. Aliás, é logo na quadra de abertura – “Quantos dedos há na mão? / Quantos balões há no ar? / Ai, o menino não sabe? / Venha comigo contar.” (Soares, 2001: 2) –, que o convite é formulado. A apresentação dos vários números é feita através do recurso ou da evocação de traços particulares de animais conhecidos da criança – por exemplo, o número zero aparece associado ao facto de a galinha não ter dentes e o número quatro às patas do cão e do burro –, de momentos próprios de um contexto familiar – as cinco velas do bolo de aniversário –, de actividades – o triciclo (para o número três) ou a equipa de futebol (para o onze) – e/ou gostos muito caros aos mais pequenos – por exemplo, os sete sabores dos gelados.

As ilustrações de Pedro Leitão, de dimensão considerável (aspecto que parece corroborar a ideia de um destinatário preferencial em idade pré-escolar) e ainda que num registo estético de qualidade muito discutível, permitem uma leitura em paralelo, favorecendo o exercício de decifração também visual. Cada quadra, centrada num determinado algarismo, é acompanhada não só de imagens correspondentes ao que é sugerido pelos versos, mas também da representação, por exemplo, de um comboio cujas carruagens vão aumentando à medida que a contagem também vai avançando⁷. As ideias de sequencialização e de gradação crescente surgem, pois, reiteradas pelas ilustrações.



Figura 9 – Capa de 1, 2, 3.

Em *Um, Dois, Três, Conta Lá Outra Vez!* (2013), primeira obra integralmente escrita e ilustrada por Danuta Wojciechowska, os números são também matéria recriada de forma estimulante. A partir de um discurso verbal que se distingue pela recuperação de um esquema de apresentação tradicional como é, de facto, a sequência numérica (de um a dez), como registámos, comum a vários textos pertencentes ao universo do património literário oral, em concreto às rimas infantis, e pela sua associação a um conjunto de outras estratégias no domínio da composição gráfica e da ilustração, Danuta oferece aos seus leitores uma obra na qual arte e ciência, real e onírico, objectivo e subjectivo, material e imaterial surgem originalmente conjugados.

⁷ Há, ainda, outros elementos visuais que aparecem esporadicamente e de forma recorrente de acordo com as sugestões temáticas do texto, como é o caso da ilustração acerca da quadra dedicada ao número oito, na qual aparece, além do comboio com oito carruagens e da figura, meia terrestre meia aquática, que surge em todas as páginas do livro, um caranguejo, ou melhor oito caranguejos, em sítios mais ou menos detectáveis.

Convida-se a contar, como num jogo, de um até dez, em português, inglês, espanhol, francês, alemão e mandarim e a ler curtas/rápidas explicações sobre aspectos gerais da vida e da natureza (“Quantos meses estiveste na barriga da tua mãe?”), das flores (“O lírio tem seis pétalas: dois conjuntos de três”), dos animais (“Os bichos de quatro patas são quadrúpedes”), das histórias (“As histórias têm três partes: princípio, meio e fim”), da geometria (por exemplo, “Um triângulo tem três lados, três ângulos e três pontas”), da simbologia (“O sete é um número mágico”), entre outros. Esta é, pois, uma “coleção” de informações, muitas delas de pormenor, que despertam a curiosidade e ajudam a conhecer/conceber melhor o mundo. Cada algarismo é tratado separadamente, sendo revisitado visualmente, numa dimensão considerável, a ocupar a totalidade de uma página, e a partir do recurso a cores fortes e contrastantes e, por exemplo, à sobreposição/intersecção de formas, que acentuam a feição imaginativa do discurso. No estilo que lhe é próprio, Danuta, combinando tons de laranja, vermelho, amarelo e azul, cruza dimensões e sugere, por exemplo, acções, gestos e posições improváveis. De cada número re(a)presenta-se, de forma mais ou menos explícita, como sugerimos, alguns dos seus sentidos próprios, certas simbologias especiais e, até, narrativas únicas com ele relacionadas, como são os casos dos porquinhos, “escondidos” no três, ou dos anões, guardados no sete. Depois, junta-se, ainda, uma interessante secção que engloba: “Mais números...” (por exemplo, o zero), “Para que servem os números?”, operações aritméticas e “Algumas formas de escrever números...”. Ludicidade, “desconstrução” ou desformalização são, assim, traços que diferenciam *Um, Dois, Três, Conta Lá Outra Vez!*.

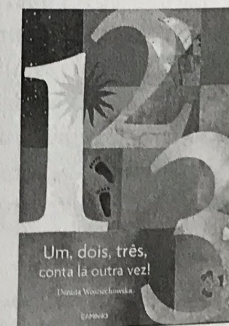


Figura 10 – Capa de *Um, Dois, Três, Conta Lá Outra Vez!*

3. Considerações finais

Da reflexão que concretizámos conclui-se, assim, que os numerários, herdeiros de uma especial formulação que parece remontar à oratura e, por exemplo, às rimas em jogos, pela sua especial configuração, ora literária ora não literária; ora narrativa, ora poética; ora em formato *pop-up*, ora com *lift-the-flap*; ora com um claro intuito educativo, ora com uma atractiva forma estética ou artística, entre outros, constituem uma proposta criativa manifestamente híbrida, um exemplo do cruzamento de modelos, de discursos e de pontos de vista estético-literários.

Além disso, estes objectos podem desempenhar uma importante função no desenvolvimento de uma numeracia precoce, tal como, aliás, se constata relativamente aos abecedários^[8] (Salisbury, 2004) e ao seu papel no desenvolvimento literário. Estes livros proporcionam à criança a matéria, o tempo e o espaço, bem como instrumentos verbo-icónicos muito significativos para desenvolver, por exemplo, a compreensão necessária para a resolução de problemas. Estimulados por estas obras, reutilizáveis em contextos diversificados, os leitores infantis poderão usar a linguagem matemática e falar verdadeiramente de matemática, uma vez que se sentirão envolvidos e entusiasmados com materiais para descobrir, observar, manipular ou mover. Efectivamente, a interacção entre registos e forma(to)s ou a articulação da palavra, da ilustração e de outros mecanismos gráficos expande as possibilidades de aprendizagem, de consolidação, de ampliação de certos conceitos e, até, de conformação de uma especial educação estética. Estes livros ou estes álbuns que ajudam a aprender a contar (mas não apenas isso) integram o tipo de edições que, regra geral, os pais, por exemplo, primeiro adquirem ou compram e, por isso, poderão também representar um significativo elo de ligação família-escola. Colocando a criança leitora em contacto com objectos visualmente estimulantes relacionados com os números, tratados imaginativamente, proporciona-se um convívio especial com livros nos quais se reúnem o exacto e o livre, o objectivo e o subjectivo, ou a ciência e a arte, propostas que, na verdade,

⁸ Não deixa de ser curioso o facto de Duran (2002) se referir aos abecedários e aos silabários e de omitir a menção aos numerários, na medida em que estes dois objectos acabam por cumprir funções semelhantes com pré-leitores.

materializam uma forma valiosa de educação (literária, artística e científica), porque “os numerários são mais do que números”^[9].

Referências

1. Bibliografia activa

1.1 Obras analisadas

- Browne, Anthony (2012). *Um Gorila*. Matosinhos: Kalandraka.
- Carle, Eric (2009). *Numbers (The World of Eric Carle. Little Learning Library)*. London: Puffin Books.
- Horáček, Petr (2012). *Cuenta animales*. Barcelona: Editorial Juventud.
- Inkpen, Mick (2001). *Kipper ensina a contar*. Porto: Ambar.
- Lionni, Leo & RUBIO, Antonio (2014). *Números*. Pontevedra: Kalandraka.
- McKee, David (2015). *O Primeiro Livro de Contar do Elmer*. Lisboa: Nuvem de Letras.
- Pacovska, Kveta (2010). *Uno, cinco, muchos*. Madrid: Kokinos.
- Potter, Beatrix (2011). *Numbers (Peter Rabbit. My first little library)*. Londres: Penguin Books.
- Rubio, Antonio & Villán, Óscar (2005). *Cinco*. Pontevedra: Kalandraka.
- Russell, Harriet (2006). *The Utterly pointless counting book*. S./L.: Ediciones Corraine.
- Sendak, Maurice (2017). *João e Mais Oito. Um livro para contar*. Matosinhos: Kalandraka.
- Soares, Luísa Ducla (2001). *1, 2, 3*. Lisboa: Terramar.
- Wojciechowska, Danuta (2013). *Um, dois, três, conta lá outra vez!*. Alfragide: Caminho.

1.2 Outras obras literárias

- Andrade, Eugénio de (1999). *Aquela Nuvem e Outras*. Porto: Campo das Letras.
- Menéres, Maria Alberta (2005). *Conversas com Versos*. Porto: Asa.
- Mésseder, João Pedro (2010). *As Letras de Números Vestidas*. Porto: Trampolim.
- Soares, Luísa Ducla (1990). *A Gata Tareca e outros Poemas Levados da Breca*. Lisboa: Teorema.
- _____. (2007). *Mais Lengalengas*. Lisboa: Livros Horizonte.

⁹ Cf. Expressão titular da obra de Patricia L. Roberts: *Counting Books are more than numbers: an annotated action bibliography*.

2. Bibliografia passiva:

- Carlson, Ann (1996). Concept Books and Young Children. In K. E. Vandergrift (Ed.), *Ways of Knowing* (185-202). Lanham, Maryland: Scarecrow Press.
- Coats, Karen (2018). *The Bloomsbury Introduction to Children's and Young Adult Literature*. London/New York: Bloomsbury.
- Costa, Maria José (1992). *Um continente poético esquecido. As rimas infantis*. Porto: Porto Editora.
- _____ (1996). A poesia como jogo. In M. J. Costa (Ed.), *Poesia*. Coleção Uma Pequena Luz Bruxuleante, Vol. 2 (pp. 60-67). Porto: Civilização.
- Carpenter, Humphrey & Prichard, Mari (2005). *The Oxford Companion to Children's Literature*. Oxford: Oxford University Press.
- Duran, Teresa (2002). *Leer antes de ler*. Madrid: Anaya.
- Roberts, Patricia L. (1990). *Counting books are more than numbers: an annotated action bibliography*. Hamden: CT: Shoestring Press.
- Salisbury, Martin (2004). *Illustrating Children's Books*. New York: Barron's.
- Silva, Sara Reis da (2016). A brincar com os números: alguns contributos para o estudo dos numerários literários. In F. Ferreira *et al.* (Org.), *Atas do II Seminário Luso-Brasileiro de Educação de Infância "Investigação, formação docente e culturas da infância"* (pp. 834-848). Santo Tirso: Whitebooks.
- Zeece, P. D. (1996). ABC and 123: alphabet and counting books. *Early Childhood Education Journal*, vol. 23 (3), 159-162.